

**PALMAS ACADÉMICAS**

23.11.2015

M. L’Ambassadeur de la République Française

Magnífico Reitor da Universidade do Porto

Exmos Membros do Corpo Consular

Caros Colegas da Equipa Reitoral

Caros Colegas Diretores das Faculdades da Universidade do Porto

Caros Colegas Professores

Caros Funcionários

Meus filhos e noras, Eduardo, Miguel, Ana e Sílvia

Meu irmão e cunhada António e Maria da Luz

E ainda meu marido, no Brasil, minha filha, na Alemanha, minha Mãe, impossibilitada de estar presente

«Quand la route est faite, il faut la refaire», escrevem, em 1925, Paul Éluard e Benjamin Péret, nos *152 Proverbes mis au goût du jour*. É preciso refazer o caminho, já longo, sabendo, como diria Le Clézio em *Révolutions* (2003), que «La mémoire est une chose terrible», que sussurra uma evidência nem sempre fácil de aceitar, a evidência de que se está sempre «à la fois au début et à la fin d’une histoire». Mon histoire

Convencida de que a honra que me é hoje concedida é desmesurada em relação ao que fiz pela cultura francesa, nos vários cargos que ocupei, pressinto que foi no longínquo ano de 1969 que tudo começou. Fascinada, então, pela literatura portuguesa e pelo pouco que sabia das outras literaturas, então jovem de 15 anos, decidi, no fim do 5º ano (o antigo, claro!) optar pela Filologia Românica, que, então, compreendia, fundamentalmente, o ensino das línguas, literaturas, culturas e linguísticas portuguesas e francesas. Foi logo nesse ano que tive contacto com clássicos franceses como Corneille, Racine, Molière, Voltaire, Rousseau, Lamartine, Victor Hugo, Balzac, Flaubert, Baudelaire e Verlaine. Mais tarde, já na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, conheci a poesia medieval e, sobretudo, os autores contemporâneos. Apesar de ter começado a lecionar francês nos ensinos básico e secundário, ainda antes de ter terminado a licenciatura (então de 5 anos), no já longínquo ano letivo de 1974-75, a verdade é que desde esse ano nunca mais ensinei francês. Nunca ensinei literatura francesa. No entanto, nunca mais deixei de perceber a importância dessa cultura e a

necessidade de a incorporar e de a tornar presente no ensino universitário. Na minha investigação sempre soube da necessidade de conhecer bem a matriz francesa e o estudo que fiz do Surrealismo em Portugal levou-me inevitavelmente a autores como André Breton, Paul Éluard ou René Char.

Mais tarde, a partir do fim dos anos 90, como Presidente do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Presidente do Conselho Científico ou Diretora da Faculdade de Letras, pugnei sempre pela importância dos estudos franceses, mesmo quando os senti mais ameaçados ou quando novas modas os relegaram para um plano secundário. O meu apoio à APEF (e saúdo e agradeço a presença da Prof. Ana Clara Santos da Universidade do Algarve e do Prof. José Almeida da FLUP), a minha presença ativa em muitos dos seus encontros, pela última vez, há um ano na Universidade do Algarve, a tímida incursão pela literatura francesa, em Portugal, na Polónia, na Roménia, na Argélia ou em França, não podem deixar lugar a dúvidas. O francês, a cultura e a literatura francesas foram sempre uma das minhas prioridades, convicta de que a cultura europeia não pode ignorar uma das suas importantes matrizes.

E um rápido olhar pela literatura portuguesa dá conta desta presença, frequentemente explícita. D. Dinis, na Idade Média, numa célebre cantiga de amor, escrevia «Quer eu agora à maneira de provençal fazer também um cantar de amor» e, cinco séculos mais tarde, Eça de Queirós, no texto «O “Francesismo”» afirmava que «*Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo*» ou que «*Portugal é um país traduzido do francês em calão*».

Garrett e Camilo referem-se constantemente a essa obsessiva presença. O primeiro, em Junho de 1833, num texto sobre *O Arco de Sant’Ana*, diz assim: «Se leu a NOTRE-DAME DE PARIS, de Vítor Hugo é um tanto nesse género o meu romance; se o não leu, aconselho-o que o faça.». Na *Memória ao Conservatório Real*, caracteriza os escritores franceses, dizendo que: «esses escritores franceses (...) alumiam e caracterizam a época, os Vítor Hugos, os Dumas, os Scribes.». Na obra-prima, *Viagens na Minha Terra*, Garrett afirma que escrever romances mais não é do que recortar figurinos de modelos franceses («vai-se aos figurinos franceses de Dumas, de Eugénio Sue, de Vítor Hugo, e recorta a gente, de cada um deles, as figuras que precisa»)

Camilo Castelo Branco, por seu lado, coloca as personagens a ler ou a imitar os franceses: Pedro da Silva, de *Os Mistérios de Lisboa*, «entusiasmava-se com Lamartine (...) detestava Balzac»; D. Catarina, de *Coração, Cabeça e Estômago*, era «muito lida em Eugénio Sue»; Guilhermina, de *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, «Sabia o

*Judeu Errante*, o *Martim o enjeitado*, os *Mistérios de Paris* e andava decorando, em Sintra, a *Salamandra*. Dizia ela que, a não poder amar um querubim, só amaria Eugénio Sue.» Guilherme do Amaral, em *Onde Está a Felicidade?*, «lera o *René*, o seu mais predileto livro dos quinze anos» e um seu amigo jornalista, em conversa com ele, exclama: «Escreve ANÁTEMA nessa parede, como o alquimista de *Notre-Dame*. Eu serei o Vítor Hugo decifrador desse terrível enigma.»; Custódia, em *Eusébio Macário*, «andava a ler a tradução dos *Mistérios de Paris*.

E na «Nota Preambular» do mesmo romande, Camilo afasta literalmente a influência de Zola, embora se perceba facilmente que tal rejeição é pura ironia:

«Pede-se à crítica de escada abaixo o favor de não decidir que o autor plagiou Emílio Zola. *Eusébio Macário* não é *Rougon Macquart*: nem *uma família no tempo dos Cabrais* é *une famille sous le second empire*. Sim, eles, os Cabrais, não são perfeitamente o segundo império.».

Apesar da tendência dos finais de oitocentos, de reconciliação e elogio dos valores nacionais, a verdade é que houve sempre e paralelamente, às vezes até coincidindo, um deslumbramento pela França. A ligação dos simbolistas às produções de Verlaine, Baudelaire ou Rimbaud são conhecidas, como também não são novidade as estadias de António Nobre e Mário de Sá-Carneiro em Paris, em ambiente intelectualmente estimulante.

Nas vanguardas do início do século XX, devemos salientar a importância do Surrealismo francês e sua exclusiva preponderância sobre o português. Surgido tardiamente, nos finais da década de 40, o movimento português quase não tem originalidade. As experiências do *cadavre exquis* e dos diálogos automáticos são decalcadas das constantes nas revistas *La Révolution Surréaliste* e *Le Surréalisme au Service de la Révolution*, bem como os manifestos *Afixação Proibida* e *Erro Próprio* o são dos Manifestos de Breton. A relação, mesmo em textos poéticos, é, por vezes, tão evidente, que não podemos deixar de a sublinhar. É o caso do texto de Mário Cesariny de Vasconcelos, «os braços sobre a areia», de *Pena Capital*, que remete para *Les Chants de Maldoror*, de Lautréamont.

Afirmações semelhantes se poderiam fazer em relação à influência de Sartre e do existencialismo ou do *nouveau roman*, nos anos sessenta. E poderíamos ainda citar Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, Natália Correia e muitos outros que souberam da importância da cultura francesa e a transpuseram de modos diversos nos seus escritos.

Não esqueço o prazer que me deu a leitura de autores e filósofos franceses do século XX e como isso influenciou a minha postura perante a vida, imprimindo-lhe valores de liberdade e tolerância que nunca esquecerei. Falo de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Roland Barthes, Foucault, Albert Camus, Georges Bataille, Samuel Becket ou Ionesco.

M. l'Ambassadeur, c'est un très grand honneur celui que vous me faites aujourd'hui mais je le sens aussi comme un honneur pour l'Université de Porto qui a toujours compris l'importance de la culture française et qui a lui toujours accordé une place primordiale dans les études de langue et de littérature menées à la Faculté des Lettres.

J'ai commencé en faisant appel à la mémoire, je termine en parlant du futur et du rôle des Universités dans l'établissement d'un paradigme culturel. Comme Vice-Présidente des Relations Internationales mais aussi chargée de dynamiser la culture de l'Université, je suis dans une position privilégiée pour pouvoir souligner l'importance des études françaises et pour faire tous les efforts pour que leur contribution soit déterminante pour le développement de notre conscience civique et sociale. Les événements qui ont récemment eu lieu à Paris, démontrent bien l'urgence de l'affirmation d'un univers de liberté et de tolérance. Si, comme affirme La Rochefoucauld, «Nous n'avons pas assez de force pour suivre toute notre raison», il faut qu'on se laisse séduire de l'esprit d'Éluard qui dans un poème intitulé «Un compte à Régler», de 1948, termine en disant:

Nous savons bien compter les morts  
 Par milliers et par millions  
 On sait compter mais tout va vite  
 De guerre en guerre tout s'efface  
 Mais qu'un seul mort soudain se dresse  
 Au milieu de notre mémoire  
 Et nous vivons contre la mort  
 Nous nous battons contre la guerre

Nous luttons pour la vie

Merci de votre attention et de votre patience!